

Apresentação

No final do ano de 2003, o Arquivo do Estado de São Paulo anunciou que estava em curso a digitalização de grande parte de seu acervo. Dentre diversos tipos e qualidades de documentos estavam ali 45 mil imagens de revistas e jornais do século XIX e XX¹. O acervo era composto por edições inteiras e outras esparsas, fotografias, charges dentre outras.

Depois de mais de 15 anos, é uma realidade no Brasil que muitos dos arquivos da imprensa passaram, e ainda passam, nos mais diversos centros de documentação, não só por digitalizações, mas muitos deles também já se encontram em plataformas *online*, nas quais o pesquisador consegue acessar edições e imagens de qualquer canto do nosso planeta. Dentre essas podemos citar plataformas como a Hemeroteca Digital – ligada a Biblioteca Nacional² -, o acervo hemerográfico do Arquivo Público Mineiro³ ou o próprio Arquivo Público do Estado de São Paulo⁴.

Jornais e revistas no Brasil que antes eram publicados somente em material físico e impresso têm sido crescentemente digitalizados e, além disso, publicam suas matérias em páginas *online*, chegando a abolir a impressão em papel. O *Jornal do Brasil*, recentemente, aboliu a edição impressa e tornou-se apenas *on-line*, pouco tempo depois reconsiderou esta decisão e retomou sua publicação impressa.

¹ <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/na-imprensa/arquivo-do-estado-de-sao-paulo-digitaliza-acervo/>

² <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

³ <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>

⁴ http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas

Outra novidade destes novos processos de produção de matéria jornalística é a publicação do acontecimento em tempo real e a posterior correção da matéria ao longo do processo de pesquisa sobre o fato, o que também gera novas questões ao pesquisador deste tipo de documento por sua escrita e reescrita constante.

Diante disso, podemos considerar que temos três distintos tipos de documentos de imprensa: os impressos materiais, os impressos materiais que foram digitalizados e os digitais natos.

Tais mudanças se deram junto com os avanços tecnológicos que ocasionaram transformações no que tange a gênese e a concepção do documento. Junto ao surgimento do documento digital houve a necessidade de atualizar as teorias sobre esses, a fim de contemplar a realidade digital. Este aspecto suscitou novas abordagens voltadas para a questão da gestão, acesso e preservação desses novos tipos de documentos.

Levando em consideração que muitos dos documentos arquivísticos digitais carregam em si um valor histórico e informativo, e que muitos começaram a ser produzidos, exclusivamente, em meio digital, a necessidade de novas problematizações em relação a esses documentos é uma realidade. Dentre elas, como fazer e gerir acervos que não existem fisicamente? Também nessa esteira, novos debates se impõem aos pesquisadores em história e outras áreas das ciências humanas e sociais, que fazem o uso de documentos da imprensa para a construção do conhecimento.

Devemos pensar que, junto com a digitalização, se criou uma nova maneira de escrita para um periódico, de fazer jornalismo e de se publicar um artigo ou uma notícia. Há uma série de questões que somente os documentos físicos dos jornais e revistas podem nos ajudar a pensar a sua produção. Desde o tamanho das suas folhas, o papel usado, a tinta para a sua impressão e as marcas de manuseio, comum em toda mídia física.

Assim podemos afirmar que os pesquisadores que tem apenas o contato digitalizado e *online* com os documentos podem deixar passar algumas evidências que somente o material poderia nos apresentar. Afinal, o modo de pesquisar também sofreu transformações devido aos novos suportes digitais de preservação e criação destes documentos?

Um documento digital nato é diferente de um documento físico que foi digitalizado, sua materialidade nos trás informações diferentes. Temos que levar em conta que um documento original e físico que passou por um processo de digitalização, não pode ser eliminado, pois a preservação do documento original é imprescindível como fonte histórica e crítica para a construção do conhecimento de saberes em diversas áreas.

Mas os prelos, independente de seus formatos e do modo como são produzidos ainda continuam tendo grande importância na produção historiográfica. Como se sabe, a imprensa, desde seus primórdios, teve (e continua tendo) um papel fundamental na comunicação das ideias políticas, econômicas e/ou culturais, assim sendo um produto ativo na modulação social, pois ela registra, opina, comenta e participa ativamente da história. Por meio dela acontecem embates pelos ideais e pelos costumes. Apesar das modificações em seus formatos as mídias continuam desempenhando esse mesmo papel, e ainda hoje são, reconhecidamente, um dos mais férteis mananciais para a construção do conhecimento das mais diversas áreas.

Nesse sentido, os acervos responsáveis por tais documentos vivenciaram, nas últimas décadas, um crescimento e uma preocupação com o futuro dessas fontes que, dentro de suas historicidades, passaram por mudanças em seu formato e meios, porém, ainda é importante estudarmos as histórias das mídias e pelas mídias, pois nelas encontra-se um poder de comoção social, não só enquanto registro temporal, mas também de publicação, circulação de ideias e opinião. Além disso, o estudo é crucial para entendermos o papel dos prelos

enquanto produto social, aliada ou não a determinado poder, e como ela participa ativamente do cotidiano do pensamento brasileiro.

Pensando nessa discussão, a revista *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, nessa edição, organiza uma sessão especial sobre a relação entre os arquivos, a imprensa e História e suas diversas interlocuções. Além do Dossiê temático, a edição conta ainda com uma resenha científica.

Nessa edição há uma variedade de autores, desde professores, historiadores, jornalistas e profissional da área do direito. O dossiê reúne pesquisadores de diversas regiões do nosso país cujas pesquisas tratam de estados como Tocantins, Goiás, Rio de Janeiro, Paraná, Bahia e Pará.

As pesquisas versam sobre temáticas plurais que estão relacionadas à questão da imprensa e do conhecimento histórico, evidenciando os diversos usos desse tipo de documento nas mais variadas questões e análises. Desde o uso de imagens da imprensa ilustrada, escritas sobre crônicas, notas sobre artes e religiões, estudos historiográficos, dentre outros caminhos investigativos.

Assim as diversas pesquisas encontradas aqui, trazem em seu bojo a problemática entre o conhecimento histórico e o uso de fontes de imprensa para sua construção, pensado nos usos políticos e culturais que esses riquíssimos documentos carregam em suas historicidades.

Iniciamos nosso dossiê com o artigo de Radamés Vieira Nunes, intitulado de “Imprensa, modernização e sensibilidades: Atraso, abandono e (isso)lamento no norte de Goyaz(1905-1925)”, que faz importantes considerações sobre o uso da imprensa como fonte para o conhecimento histórico. O trabalho nos trás um estudo sobre o periódico *Tipografia Nortense* nas primeiras década do século XX, pensando na sensação de isolamento, atraso e abandono, sentidos e expostos pelos jornalistas do prelo de produção e circulação no norte do estado então conhecido como Goyaz. Estes sentimentos ajudaram, nas considerações do autor, a sustentar o conceito de norte goiano no início do séc. XX, e a construir a identidade de sua população.

O segundo artigo que compõe Dossiê temático é de autoria de Jean Carlo de Souza Silva. Em “Inimigos artificiais: 1968 nas crônicas de Carlinhos de Oliveira e Nelson Rodrigues”, o autor trabalha com análises sobre parte de publicações de crônicas em 1968 dos jornalistas Carlinhos Oliveira (*O Globo*) e Nelson Rodrigues (*Jornal do Brasil*). Apesar dos jornais terem linhas editoriais distintas, ambos tinham grande produção e circulação nacional e, por consequência, eram periódicos de influência no cenário sociopolítico e cultural do momento. Desse modo, o autor analisa os escritos dos dois cronistas frente às mudanças políticas no cenário nacional e mundial no ano que se tornou emblemático para a memória social sobre a história do século XX.

O próximo artigo intitulado “Jorge Amado na juventude (1932-1936): O *Boletim de Ariel* como espaço de reflexão intelectual”, de autoria de Matheus de Mesquita e Pontes, analisa as publicações do então jovem escritor Jorge Amado ao migrar da Schmidt Editora para a Ariel Editora - essa última que possuía um periódico mensal na época nomeado como *Boletim de Ariel*. O autor se debruça sobre as publicações de Amado no boletim durante os anos de 1932 até 1936, refletindo sobre as relações sociais e políticas, com intelectuais e literatos da imprensa jornalística que Amado construiu durante a estadia na editora, refletindo sobre e os *lugares sociais* ocupados pelo escritor baiano e os que o influenciou durante esse processo.

Em “Africanidades, corporeidade e opacidade nos primórdios da história da imprensa ilustrada”, Túlio Henrique Pereira analisa a imprensa ilustrada produzida no estado da Bahia entre 1897 e 1904, mais especificamente no jornal *A coisa*. Pereira aborda o caráter temático africano e afro-brasileiro das publicações, levando em consideração os autores e os propósitos ideológicos do grupo editorial que eram consonantes à segmentação impulsionada em países como a França e os Estados Unidos. O autor analisa como a temática das africanidades e corporeidades étnicas se deram nos padrões da imprensa baiana da época.

Seguindo nosso Dossiê temático, encontra-se o texto “Do samba e do amor, do sambista e do pai-de-santo: interações e sentidos entre carnaval e afro religiosidade no bairro da Pedreira (1980-1990)” de Juliana dos Santos Carvalho, no qual partindo de análises dos jornais *O liberal* e *Diario do Pará* junto a entrevistas orais e músicas, busca compreender expressões carnavalescas da cidade de Belém, com ênfase no bairro da Pedreira nos anos entre 1980 e 1990. Observando as interações entre o carnaval local e a religiosidades afro-brasileiras, a autora busca entender as construções identitárias da população do bairro da Pedreira.

Ao final do dossiê, contamos com o texto “A contribuição do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGP) para a escrita da história no Boletim do Instituto Histórico e Geographico Paranaese (IHGP) no início do século XX” de autoria de Megi Monique Maria Dias. Por meio de análises dos boletins do Instituto Histórico e Geographico Paranaense (IHGP), publicados entre os anos de 1918 e 1925, a autora busca compreender a importância das contribuições, os desdobramentos e os reflexos por meio da produção do conhecimento histórico no estado do Paraná na época, inclusive a influência na historiografia nacional, frente às publicações de outros institutos similares como o IHGB (Instituto de Histórico e Geográfico Brasileiro), pensando no papel social dos autores/intelectuais pertencentes aos grêmios e no cenário político exercido pelos institutos.

Ainda, ao final desta edição, trazemos uma resenha escrita por Giselle Paiva Rezende do livro *A elite do Atraso* – de autoria do sociólogo Jessé de Souza, no qual a autora elabora uma “Reflexão sobre mecanismos de controle, patrimonialismo, corrupção Estatal e corrupção invisível do mercado”, apresentando uma análise sobre o livro que trouxe discussões notórias no meio acadêmico brasileiro desde sua publicação em 2017.

As pesquisas e ponderações que constam desse dossiê nos servem de inspiração para pensarmos não só como a imprensa e seus arquivos nos

apresentam uma pluralidade de campos do pensamento intelectual e acadêmico, mas como ela é um produto que expressa nosso fazer social, ambições e lutas políticas e as práticas que temos como grupos organizados.

Assim, gostaríamos de afirmar, também, que por meio da alta qualidade de cada um desses artigos aqui presentes, essa edição se mostra como um ato político e de resistência contra os constantes ataques que a pesquisa intelectual vem sofrendo nos últimos tempos. Reafirmamos que a imprensa tem um papel importante na democracia, seja apoiando ou criticando, e estudá-la se faz necessários por essas diversas problemáticas.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Prof.^o. Ms.^o Caio Vinicius de Carvalho Ferreira

Prof.^a. Dr.^a. Regma Maria dos Santos